

## A ATUALIDADE DOS ESTUDOS DE VARRÃO

Amós Coêlho da Silva

### RESUMO

Os modelos gregos dos estudos gramaticais. Sucessivamente, Platão, Aristóteles e os Sofistas começam a se interessar. Platão, no *Crátilo*, nos apresenta as origens da linguagem, mas ele faz como uma querela: as palavras são de origem natural ou convencional. Os filósofos estoicos tomam parte no debate e afirmam a existência de uma regra na linguagem como na natureza ('phýsis'): os fenômenos gramaticais de "exceção". Para os eruditos alexandrinos, declinações e conjugações correspondem a modelos exemplares convencionais ('thésis'). Em Roma, como no mundo grego, a gramática se manifesta subordinada à filosofia, à crítica e à retórica. Varrão se documenta nas fontes gregas e trabalha com espírito enciclopédico. O trabalho filológico de Varrão é uma vasta investigação de especialista. As citações que as épocas seguintes fazem dele são muito numerosas. A importância da etimologia varroniana.

### PALAVRAS-CHAVE

Tradição grega; filologia; etimologia; Varrão.

### RÉSUMÉ

Les modèles grecques des études grammairiens. Tour à tour Platon, Aristote et les Sophistes commencent à s'intéresser. Platon, dans le *Cratyle*, nous présente des origines du langage, mais il en fait comme une querelle : les mots sont-ils d'origine naturelle ou conventionnelle. Les philosophes stoïciens prennent part au débat et affirment l'existence d'une règle dans le langage comme dans la nature (phýsis): les phénomènes grammaticaux d'"exception". Pour les érudits alexandrins, déclinaisons et conjugaisons répondent à des modèles-types conventionnels (thésis). A Rome, comme dans le monde grec, la grammaire paraît subordonnée à la philosophie, à la critique et à la rhétorique. Varron se documente aux sources grecques et il travaille avec esprit encyclopédique. Le travail philologique de Varron est une vaste enquête de spécialiste. Les citations que les époques suivantes font de lui sont beaucoup nombreuses. L'importance de l'étymologie varronienne.

### MOTS-CLÉS

Tradition grecque; philologie; etymologie; Varron.

## INTRODUÇÃO

A consagrada expressão horaciana nas Epístolas (2, 1, 156) é bem emblemática da posição dos romanos sobre os estudos gramaticais: *a Grécia dominada superou o seu feroz vencedor e introduziu no agreste Lácio as artes, Graecia capta ferum victorem cepit et artes / Intulit agresti Latio.*

Por isso, com Francesco Della Corte, tomaremos como textos de primeira investigação filológica na Hélade *Crátilo* e *Íon*, de Platão e *A Poética*, de Aristóteles, *i quali tuttavia più che di filologia si occuparono di etimologia l'uno e della condizione dei poeti, l'altro* (conforme sua nota 2 da página 15). Todavia, a iniciativa deu-se, conforme Cícero, *De Oratore* 3, XXXIV, na era de Pisístrato, século VI a. C., *qui primus Homeri libros confusos antea sic disposuisse dicitur ut nunc habemus, o qual, de modo pioneiro, afirma a tradição, organizou até então os esparsos livros de Homero assim como o temos nos dias de hoje.* Ou seja, a obra homérica sobreviveu em função dos cantos realizados nos palácios dos nobres gregos pelos aedos, que se utilizavam apenas de suas memórias.

Os resultados práticos e as teorias gramaticais, atrelados principalmente à filosofia, foram transportados para Roma, e daí para o Ocidente. Crates de Malos, séc. II a. C., durante um contato diplomático com o poder público romano, estendeu sua estada em Roma e passou o tempo livre realizando comunicações sobre temas filológicos. Como fosse ligado ao estoicismo, que é um elo platônico, ensinou princípios da linguagem como ‘phýsis’, natural. Pertencem aos estóicos abordagens como ocorrências onomatopaicas e o simbolismo sonoro; muito desse estudo passou a uma etimologia fantasiosa; no entanto, o que séculos mais tarde Ferdinand de Saussure tomaria como uma de suas dicotomias, *signifiant et signifié* (1916: PREMIÈRE PARTE – Principes Généraux. Chapitre I – Nature du signe linguistique), que os estóicos formalizaram como oposição entre forma e sentido. Estudaram, com especial atenção, a prosódia, a etimologia e as relações entre as palavras e o que elas significam. Quando os estóicos de Pérgamo, no século IV a. C., adotaram a anomalia como princípio lingüístico, partiram do ponto de vista que o surgimento da língua era natural, e não convencional, como era defendido pelo pensamento dos filólogos de Alexandria. Para estes, de influência

aristotélica, uma segunda escola gramatical, a língua é, por convenção de agrupamentos humanos, analogia, regularidade, proporção, enfim *ratio*, razão.

## 2. ETIMOLOGIA

Como Cícero, que deu nome a uma era na divisão dos períodos literários, se posicionou diante disso? Procurou de pronto no dicionário latino nomes que correspondessem aos gregos, rejeitando termos como ‘etymología’ e ‘sýmbolon’ e adotando em seu lugar *nota - sinal, marca* e *notatio - ação de marcar um sinal; observação, exame* – sendo que substituiu este último pelo neologismo *ueriloquium, dizer a verdade*, fundamentado na explicação popular sobre a palavra (*uerbum*), *daí uerbum boare, clamar a verdade* e correspondente exato do grego ‘étymon légein’, *dizer a verdade*. Podemos observar pelo comentário de Quintiliano (século I d.C.) que a fixação do termo etimologia seria inevitável: *‘Etymología’ quae uerborum originem inquirat, a Cicerone dicta est notatio, quia nomen eius apud Aristotelem inuenitur ‘sýmbolon’, quod est nota. Nam uerbum ex uerbo ductum, id est ueriloquium, ipse Cicero, qui finxit, reformidat. Sunt qui, uim potius intuiti, originationem uocent.*(1, 6, 28), *Etimologia, que investiga a origem das palavras, foi denominada por Cícero de notação, porque o nome dela encontra-se em Aristóteles como símbolo, que é marca ou sinal. A esse respeito, retirando uma palavra de outra, isto é, formando “ueriloquium”, a qual o próprio Cícero receia. Existem os que, antes por força de observação, a denominam “originationem”.*

A proposta platônica no *Crátilo* fora um exame etimológico, no seguinte sentido pontual: ‘étymos’ = verdadeiro; ‘-logos’ = palavra, discurso; sufixo ‘-ia’, direcionando o escopo de sua pesquisa para a filosofia, ou seja, uma busca da verdade. Como ar em grego tem a forma ‘aer’, foi relacionada a sua etimologia ao verbo levantar (em grego: ‘áirei’), Assim, (Sócrates afirma:) “o [’αἴρ], Hermógenes, é denominado [’αἴρ], por levantar [’αἰρεῖ] as coisas do chão, isto é, coincidindo as formas das palavras (410 b); a forma do nome ‘héros’ - [’ήρως], herói, foi ligada à de ‘éros’ – [’έρως], o amor, pois o herói seria filho do amor (398 b) – guiando-se unicamente pelas semelhança das formas. Para Platão, tirar algo da linguagem, observando a relação entre as palavras e as coisas, implica em falso e verdadeiro, porque (NEVES, 1987: 58-9): *(a) linguagem não é considerada a melhor maneira de chegar ao conhecimento das essências. Ela é apenas uma aproximação.*

Os avanços da investigação clássica se realizaram pela sucessão cronológica: uma vertente seguidora de Platão, os estóicos de Pérgamo e outra linha com Aristóteles, os pesquisadores de Alexandria. A doutrina, encadeada desde Platão aos estóicos, ainda que nos pareça caricatural à luz da ciência filológica moderna, por exemplo, em Nigídio Fígulo (final do século II a.C.), (*apud* Aulo Gélío, II d.C.), foi bastante seguida e fundamentada com explicação onomatopaica. A palavra era tomada como mimese do objeto denotado através da articulação vocal sonora. De modo que, em “uos” o ar vai para frente, porque é pronome de segunda pessoa e significa com quem se fala: portanto, tudo de acordo com a expiração do ar.

Também Varrão, *Marcus Terentius Varro* (116 – 27 a.C.), evitou empregar ‘etymología’; em seu lugar, usou a perífrase *origo uerborum* ou *uocabulorum*, *origem das palavras*. No livro V, *De Lingua Latina*, Varrão anuncia que vai expor a ciência que os gregos chamam de etimológica, *quam Graeci uocant ‘etymologikén’* (V, 1: com letras gregas). Há preocupação epistemológica em Varrão: *...praesertim cum dicat ‘etymologiké’ non omnium uerborum posse dici causam..., particularmente visto que se denomine um etimólogo, não poderia ser explicada a razão de todas as palavras...*(*L. Latina*, VII, 4)

Foi aluno de Aelius Stilo (final do séc. II a.C.). Este teve o mérito de interpretar o antigo *Canto dos Sálios* e ser especialista em literatura latina, mas, no domínio da etimologia, encontra a negação de Varrão. É que o seu argumento era estóico, no entanto, a partir de metodologia fundamentada em um dos critérios estóicos falho, ou melhor, pelo critério, denominado ‘katà antíphrasin’, traduzido por Francesco Della Corte como *per immagine contraria*, em latim por Varrão, com *e contrario*, *a partir de sentido contrário*. Assim o comentarista italiano levanta a abordagem etimológica de Estilão, indicando também a insatisfação de Varrão quanto à sua predileção pela etimologia *e contrario*, *por antífrase*; em outro passo, exemplifica: **miles**: *militem Aelius a mollitia ‘katà antíphrasin’ dictum putat, eo quod nihil molle sed potius asperum quid gerat, Élio julga o termo miles (soldado) proveniente por antífrase de mollitia (brandura), o que não é mole, mas que, de preferência, gera o áspero.*(p.107) **caelum** (céu) *provém de celatum (oculto, escondido), porque o céu é apertum (descoberto)*. Censurou também a descrição etimológica de Élio em **lepus** (lebre) *provém de leuipes; uolpes, quod uolat pedibus, raposa (volpes) porque voa pelos pés, ou seja, “volpes” seria a reunião {vol + pés}*.

Desse modo, um etimologista verdadeiro, no conceito de Varrão, confessaria a impossibilidade de ir além de certo ponto por falta de fontes fidedignas. Em sua pesquisa encontramos o caso de *equus* (cavalo), que apresenta as cognatas *equites* (cavaleiros, membros dessa ordem), *eques* (cavaleiro, homem a cavalo), *equitatus* (ação de andar a cavalo)(LL., VII, 4) E o certo ponto, delimitado por ele, o define como *uerba primigenia, literalmente palavra primitiva. Primigenia dicuntur uerba ut lego, scribo, sto, sedeo et cetera, quae non sunt ab alio quo uerbo, sed suas habent radices, As palavras primitivas são lego (reunir), scribo (escrever), sto (estar em pé), sedeo (estar sentado) etc., que não são provenientes de outra palavra, pois têm suas próprias raízes.* Embora a lista seja composta de verbos, a indicação foi casual, como comprovam exemplos do Livro V e aqui indicamos dois: *barbatus* vem de *barba* (129), *capital* de *caput* (130) e outros.

Como reconhecer uma palavra primitiva? Como vimos, Varrão se restringiu a nos dizer: *quae non sunt ab alio quo uerbo*. De modo geral a busca etimológica não se apresenta como verdade absoluta. Daí, Varrão estipular a seguinte gradação etimológica, no *De Lingua Latina*, V ao VII:

1 - em primeiro grau, está o estabelecimento das *uerba primigenia*, porque estas são *aperta, evidentes*, embora se encontrem algumas obscuras (V, 2): *quae ideo sunt obscuriora, quod neque omnis impositio uerborum extat, quod uetustas quasdam deleuit, ne quae extat sine mendo omnis imposita...*, algumas palavras são mais obscuras pela seguinte razão: *porque nem toda imposição de palavras se manifesta, já que o lapso de tempo apagou algumas e nem toda (palavra) imposta se apresenta sem erro...* As *uerba primigenia* são ancestrais de famílias. Não há em Varrão rigorosa distinção entre *nomen, uerbum e uocabulum*. Ele estabeleceu oposição entre *origo uerborum, origem das palavras, e origo similitudinem, princípio de flexões*, que ocorre no Livro X, 11 e 13.. Ainda há *radices uerborum, que são os ramos de uma societas uerborum, família de palavras, cf. V, 13.*

2 - em segundo grau, no Livro VI, 1, ao inverso, nos diz ele: *In hoc dicam de uocabulis temporum, neste (livro), investigarei as palavras que denotam tempo.* São obscuras, *quae obruta uetustate ut potero eruere conabor, tentarei, como puder escavar, as que estão enterradas pela idade.* Neste grau, o gramático se torna um *interpres poetarum, um intérprete dos poetas*, formará, portanto, ao lado dos filólogos alexandrinos: Aristófanes de Bizâncio e seus discípulos, responsáveis por edições homéricas em vinte e quatro cantos e disposições de autores em “cânones”.

3 - no Livro VII, Varrão ultrapassa o segundo grau, inspirando-se nos filósofos estóicos, a fim de analisar o vocabulário poético, com os seus nomes raros e arcaicos. A autoridade do estudioso se mede por examinar com cautela o ponto de origem de um termo qualquer. Assim, só no Livro V, Jean Collart (p. 17) observou 52 hesitações em propostas de várias origens. Mesmo considerando falsas muitas das etimologias de Varrão, Jean Collart conclui o seguinte; *Mais, précisément, cette proportion est loin d'être excessive, eu egard à l'état de la science au temps de Varron* (p.17).

Há nessa escala uma gradação de dificuldades, que desafia o pesquisador. O levantamento dos problemas mais complexos fica para quem atinge o quarto grau, o qual se define como um santuário secreto, *adytum*. Jean Collart interpreta que essa linha varroniana de estudo seja um grau pitagórico. Só é alcançado pelo supremo sacerdote, *initia regis*. Ele compara este saber com o do médico: *quo si non perueniam ad scientiam, at opinionem aucupabor, quod etiam in salute nostra nonnunquam facit cum aegrotamus medicus, se a esse não chegarmos ao lado de uma simples informação, ao menos espreitaremos a opinião, como o faz o médico a respeito de nossa saúde, quando adoecemos algumas vezes.*(V, 8)

## CONCLUSÃO

Esse pensamento de Varrão se justapõe aos mais modernos nas investigações etimológicas. O de Antenor Nascentes: *a pesquisa etimológica não é uma aplicação passiva das leis da linguagem... Uma parte muito grande ainda é deixada à imaginação lingüística, ao faro do sábio.*(p. XIV)... Entretanto, “essa imaginação lingüística” podemos atribuir ao Varrão e outros estudiosos antigos; por essa razão, Varrão foi o mais citado entre os antigos, conforme levantamento feito por Jean Collart (p. 3):

| [1]Dans l'œuvres de | [2]Nombre de tous références à Varron | [3]Nombre global de références à les autres grammairiens latins nommément cités |
|---------------------|---------------------------------------|---|
| Quintilien          | 23                                    | 23  |
| Aulu-Gelle          | 84                                    | 82  |
| Charisius           | 115                                   | 218   |
| Priscien            | 49                                    | 155   |

|         |    |    |
|---------|----|----|
| Isidore | 24 | 18 |
|---------|----|----|

E ainda é fonte para muitos trabalhos atuais.

Não cabe a Antenor Nascentes “essa imaginação linguística”, já que partiu de um corte epistemológico definido, que se estriba no método histórico-comparativo, o qual propiciou o estudo de famílias de palavras entre as línguas do grupo germânico, grego, latino, sânscrito e outros idiomas indo-europeus. Ainda assim, a dificuldade de Antenor Nascentes foi imensa, porque seu dicionário etimológico foi editado em 1932 e o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch, Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*, (REW, como é conhecido), de W. Meyer-Lübke, na sua 3ª edição revista, data de 1935: eis uma contribuição realmente fecunda para investigações filológicas das línguas neolatinas.

O indo-europeu é uma ampla família linguística, mas uma matriz hipotética, ou ainda, uma protolíngua, que ocupa uma região que vai da Ásia Central ao Atlântico e data de há mais de três mil anos. Dela migraram e se implantaram proto-historicamente múltiplas línguas da Europa (também da Índia, daí, indo-europeu. Ocorre ainda a denominação indo-germânico) através do tempo em outras matrizes de linguagens, como se comprova neste rápido exame de parentesco entre diversos idiomas na palavra pai, distribuído em novas matrizes (CÂMARA JR, 1970: 27): (*ex.: scr. ‘pitá’, gr. ‘patēr’, lat. ‘pater’, got. ‘fadar’*) – que são resultados de transformações do idioma indo-europeu, com elementos herdados e incorporados a estruturas independentes e particularizadas pela corrosão do tempo e novos posicionamentos sedentários dos povos, principalmente na Europa, conforme levas de migrações em dado momento da história a partir de um ponto próximo ao Cáucaso.

A reconstrução comparativa, método de informações científicas, comprova, primeiramente, que uma porção significativa de palavras ancestrais persiste em respectivas línguas filhas com documentação. Em segundo lugar, palavras que superaram o tempo não apresentam mudanças tão drásticas de sentido. E, por fim, a mudança fonológica apresenta regularidade consistente, como exemplificamos a seguir: o “p” do latim, grego e sânscrito correspondem ao “f/v” do inglês e alemão: “pes”, ‘pous’, ‘pádah’ e “foot”, “fuB”; “pater”, ‘patér’, ‘pitá’ e “father”, ‘Vater’ – o que estabeleceu um quadro de equivalência fonética indo-européia e, por conseguinte, o elemento raiz indo-europeu, que, como é hipotético, vem com asterisco à esquerda: \*ped- e \*pater etc.

O filólogo Antenor Nascentes nos legou uma obra científica, com clara intenção descritiva e sem economia esforços quanto às fontes de consulta. Nas etimologias controvertidas alista os étimos propostos sem tendenciosidade. Não há neste dicionário etimológico de Antenor Nascentes quaisquer pressupostos extralinguísticos; portanto, não admitindo nas entrelinhas interpolação particularizada de historiadores ou sociólogos, o que está de acordo com o mais recente conceito de estudo etimológico, como orienta Émile Benveniste com o exemplo de *feudum*, termo germânico. Estabelece-se a sua amplíssima significação: **área semântica ligada a criação de animais** e evita-se a inclusão particularizada, como por exemplo, uma digressão histórica. O termo grego *hēgeomai* e seu derivado *hēgemón* são, para pesquisa linguístico-etimológica, objeto de averiguação sem levar em conta apenas a idéia de “supremacia”, mas tendo em vista como se constituiu a noção de autoridade embutida em *hegemonia*, ou seja, *a relação de autoridade em hēgemón e o verbo hēgeomai no sentido de pensar, julgar*. (p. 9)

Finalizemos com uma citação de Varrão como fonte etimológica: o elemento latino \*peku como subsídio para pesquisa científica moderna, como é a de Émile Benveniste, que afirma no Sumário do Capítulo 4, volume I: *Para todos os comparatistas...* o estudo de \*peku com o sentido de riqueza é secundário ou extensão semântica. *Com efeito, basta ler Varrão (L.L.) para saber o que se entendia por ‘pecunia’ em sua época*. O gramático romano alistou outros termos ao lado deste: *dos (dote); merces (salário); multa (177, multa); sacramentum (180, depósito sagrado); tributum (181, tributo); sponsio (VI, 70, depósito garantindo uma promessa de casamento) (...)* Isso significa que *pecu e pecunia* tem o sentido de “fortuna móvel”. À mesma conclusão nos levará à leitura de *peculium*, cujo traço de “posse pessoal” está em *peculo(r), daí, peculatus, “apropriação (fraudulenta) do dinheiro público”*

Hommage à Prof. Olmar Guterres da Silveira

## BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. Tradução de Denise e Eleonora Bottmann. Campinas, SP:Unicamp, 1995. 2 vols.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

COLLART, Jean. *Varron: Gramairien Antique et Stylistique Latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

DELLA CORTE, Francesco. *La Filologia Latina dalle Origini a Varrone*. Itália: La Nuova Italia, 1981.

ELIA, Sílvio. *Preparação à Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*. Paris, Klincksieck, 1985.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Primeira e única edição.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Vertente Grega da Gramática Tradicional*. São Paulo: Hucitec, 1987.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria*. Tradução: H.E. Butler. London, England: Loeb Classical Library, 1989.

ROBINS, R.H. *Pequena História da Lingüística*. Tradução de Luiz M.M.de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Général*. Paris: Payot, 1916.

VARRÃO, M. Terêncio. *De Lingua Latina*. Texto estabelecido e traduzido por Roland G. Kent. London: Page, 1951. Books V-X.